

Professor: quem não precisa dele?

(*) **MARIA HELENA COSTA CARNEIRO BRAGA**

Nossos primeiros contatos com o mundo começam com os familiares, pessoas que nos mostram como é a realidade e como devemos nos portar frente a ela. Crescemos um pouco, bem pouco, e logo outra figura importante, o professor, aparece em nossas vidas para continuar a nos mostrar o mundo, agora, maior do que temos na família.

Com ele, nossa visão se amplia, toma outros contornos, recebe novas impressões. Somos levados, muitas vezes pelas mãos, a aprender outra forma de comunicação, a escrita, a estender nossa matemática intuitiva para cálculos complexos e abrangentes, a compreender o que somos e por que somos um grupo, um povo, uma espécie. Assim como em nossos lares damos os primeiros passos, na escola continuamos a caminhar em direção à vida.

Que responsabilidade! Tão imensa e tão complexa que, por muitas vezes, não temos o alcance de compreendê-la, de entender o quanto dos professores temos em nosso modo de ser, de ver a vida, de enfrentar os obstáculos e encarar as conquistas. Mal compreendida até por eles próprios!

Hoje testemunhamos o quanto a profissão docente é pouco almejada pela maioria das pessoas que frequentam as escolas, sejam elas alunos ou profissionais. Resultado da desvalorização crescente imposta por condições indignas de trabalho: formação incipiente, baixos salários, poucas condições de sobrevivência autônoma, desrespeito social, e tantas outras...

Uma questão inevitável insiste em se colocar: Como será possível sustentar uma sociedade que não dignifica suas bases? Que não reconhece a profunda influência dos professores sobre a formação dos cidadãos que a constituem?

Conquistar o desejo de ser professor, um bom professor, seria o objetivo primordial para um país como o nosso, em plena via de desenvolvimento econômico e social.

Ser professor, um bom professor, nesse momento em que vivemos, representa a crença de que o mundo poderá ser melhor, de que assumir a responsabilidade que cabe

à função certamente contribuirá para essa melhora, desde que aja, no mínimo, em duas frentes: a qualidade do ensino, direito de qualquer cidadão, e a dignificação profissional, condição essencial para que a educação atinja seus nobres objetivos.

É ele o elemento integrador entre família e a sociedade mais ampla. É ele quem, mesmo cercado de tantas incertezas, deixa suas dificuldades suspensas e dedica-se a nos fazer aprender sobre a nossa própria capacidade, corrigindo, cobrando e nos oferecendo apoio. Por isso tudo, deve ser valorizado, reconhecido, homenageado, não apenas no dia

15 de outubro, mas em seu fazer cotidiano, contando com o apoio de toda a sociedade para que possa exercer sua função com a dignidade que lhe é de direito!

**SER PROFESSOR
REPRESENTA A
CRENÇA DE QUE O
MUNDO PODERÁ
SER MELHOR**

(*) **MARIA HELENA COSTA CARNEIRO BRAGA** é supervisora pedagógica de programas.